

## UM BEIJO SOB A ÁGUA

Jandir Santos<sup>1</sup>

O rio a chamou. A água, refletindo as estrelas lá no alto, imita o céu, infinito e abissal. Myra não lembra exatamente do momento em que decidiu roubar a canoa e desafiar o Erínia Negro sozinha, só lembra-se da voz e das promessas feitas não com palavras, é claro, mas com uma profusão de desejos crus, forjadas a partir de uma chama que não combinava com o timbre profundo, com a entonação opressiva que ecoa por debaixo d'água.

Ainda que fale através dessa língua estranha, familiar a peixes e cobras, Myra entendeu o chamado, uma agulha fina em sua mente. Clamava por ela, chamava-a por entre argila e água, convidava-a ao fundo. Do primeiro momento em que o ouviu, enquanto se banhava no igarapé próximo à clareira, não teve sino de igreja que lhe silenciasse o espírito. A avó dizia que era algum feitiço de caboclo, visto que a menina ficava por horas segredando ao rio, as mãos tremendo conforme a água raspava-lhe as coxas.

“Feitiço de boto...”

E quanto mais o Negro a molhava, mais o calor subia pelas ancas, acumulava-se na ponta dos seios imaturos e lhe dava cócegas na língua. Inútil a avó espalhar água benta em sua testa, lavar-lhe os cabelos com essência de alfazema que nascia na escada da capela e convidar as vizinhas para uma novena, rezar um terço de rosário sempre que possível. Não era por Jesus que ela sentia desejo, mas pelos dedos do Negro entre suas pernas... Uma carícia apaixonada, muito diferente do milho nos joelhos e das proclamações às velas, súplicas ao escuro e à fumaça. Olhar para cima e sentir os beijos do rio nas folhas que caem da mangueira é melhor do que encarar o olhar morto de anjos pintados no teto e de santos em pedra fria.

Passado o tempo, já não ouvia o próprio pensamento, só a voz sem sotaque, sem sílabas nem idioma. Só ela, a lua e seu amante em algum lugar no universo que se estende debaixo da canoa. Mesmo assim, Myra conhece a fama do rio, sua mania de combinar um beijo com a morte. Erínia Negro. Negro de beber noite, Negro de beber sangue. No espelho do Negro, ela o vê, aqui e acolá, agitando a água delicadamente.

Por que não é rosado como dizem?

Mesmo com a luz carmesim da lua de uma noite sem estrelas, o vulto que desliza na água nada tem da famosa cor. Ainda assim, de algum modo, sabe que é ele, seu amado, seu

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras: Língua Portuguesa da UFAM.

amante, seu... apenas seu. E pela primeira vez, escuta nos tímpanos o som que ouvia apenas em devaneios. É diferente, não mais um eco das profundezas, mas um canto melódico, sem vergonha de não ter pudor. Diferente, exatamente o mesmo.

A música lhe diz para remar, esperar na margem alagada. Myra obedece sem hesitação. Deita-se na areia, os pés ainda na água. Fecha os olhos. Suas amigas disseram que talvez não a machucasse, não muito, talvez um pouco de sangue, pois nunca conheceu homem. Disseram que veria o céu por dentro e por fora, desejaria a morte, mas estaria preenchida com vida. Tudo isso lhe passa pela cabeça ao sentir a mão úmida deslizar a saia até a cintura, um corpo rijo e fino, gotejante, debruçar-se sobre o dela. Os dedos, ásperos por causa da areia, trabalham pacientemente em outro lugar, e Myra sente o sol nascer por cada poro. Os sons enchem a noite, sua voz mistura-se ao banheiro, o mundo morre e se torna outra coisa. Se torna fogo, se torna dor, se torna suor.

Não aguenta. Enlaça com as pernas aquela cintura e encaixa o quadril de modo a encher-se com a potência do amado, do amante... mas não sente nada. Pelo menos não além das escamas que cobrem parte da cintura e das pernas, finas como as dela, rijas como o resto do corpo. Myra sente as mãos em seus pulsos, algemas tão firmes que se debater é quase fútil. Só então se lembra de abrir os olhos. Pele da cor do urucum, cabelos escuros como o Negro, seios tão fartos quanto as ancas. Myra esqueceu-se de que havia outros perigos no rio, coisas que não se satisfazem com os presentes da carne.

Não teve tempo de fitar os olhos estrelados, o rio já viola seus pulmões. Descobriu tarde demais que beijos não têm gosto nenhum debaixo d'água.